EU MATEI XERAZADE

CONFISSÕES DE UMA MULHER ÁRABE EM FÚRIA

JOUMANA HADDAD

EU MATEI XERAZADE

CONFISSÕES DE UMA MULHER ÁRABE EM FÚRIA

TRADUÇÃO DE

INÊS PEDROSA

Sibila
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2017

Eu Matei Xerazade – Confissões de Uma Mulher Árabe em Fúria
© 2017 Joumana Haddad
Tradução: © 2017 Inês Pedrosa

Título original: *I Killed Scheherazade – Confessions of an Angry Arab Woman*
Saqi Books, Londres, 2010

Publicado em Portugal por:
Sibila Publicações
www.sibila.pt
Este livro pertence à Colecção Mulheres de Palavra.
© Nas Tuas Mãos Unip. Lda.
Editores: Inês Pedrosa
Gilson Lopes
Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.
Revisão: Dulce Reis
Fotografias da autora: © Daniel Mordzinski (capa)
© Joe Keserwani (interior)
1.ª edição: Setembro de 2017
ISBN: 978-989-99946-0-7

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:
Nas Tuas Mãos Unip. Lda.
Apartado 014081
EC Cinco de Outubro
1064-000 Lisboa
E-mail para contacto: admin@inespedrosa.com

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores.
Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

Para a minha filha,

que eu posso nunca vir a ter,

esperada, inesperada,

desejada, temida,

sonhada, tida nos braços,

feita de sonho, feita de carne,

real, inacreditável,

com mil nomes

mas sempre por nomear,

nascida,

por nascer,

amada em ambas as florestas.

ÍNDICE

Nota para o leitor 13

Prefácio – O Assassinato de Xerazade 17

Para começar... sobre camelos, dança do ventre, esquizofrenia e outros pseudodesastres 21

I. Mulher Árabe Que Lê o Marquês de Sade..37

II. Mulher Árabe sem Pátria 53

III. Mulher Árabe Que Escreve Poesia Erótica 67

IV. Mulher Árabe Que Cria Uma Revista sobre o Corpo 83

V. Mulher Árabe Que Redefine a Sua Feminilidade 99

VI. Mulher Árabe sem Medo de Provocar Alá ...119

VII. Mulher Árabe Que Vive a Dizer Não 133

Para começar de novo... Serei eu realmente uma «mulher árabe»?.....143

Post partum – Eu Matei Xerazade 147

O capítulo do poeta – Tentativa de autobiografia...155

Agradecimentos 165

«O mal-estar árabe está inextricavelmente ligado ao olhar do Outro Ocidental – um olhar que impede tudo, incluindo a fuga. Alternadamente desconfiado e condescendente, o olhar do Outro confronta-nos constantemente com a nossa condição, aparentemente insuperável. Precisamos de ter mostrado o passaporte de um estado pária para sabermos a que ponto pode esse olhar ser categórico. Precisamos de ter confrontado as nossas ansiedades com as certezas do Outro para compreender a paralisia que esse olhar pode causar.»

Samir Kassir, *Considerações sobre a Desgraça Árabe*

NOTA PARA O LEITOR

A ideia deste livro nasceu quando uma jornalista estrangeira me perguntou, num chuvoso dia de Dezembro de 2008, como é que «uma mulher árabe decide publicar em árabe uma revista erótica tão controversa como a JASAD?» Teria esta decisão tão polémica e «pouco comum» sido preparada por elementos precursores na minha educação ou nas minhas origens?

«A maioria dos ocidentais não imagina que existam mulheres árabes livres, como é o seu caso», acrescentou.

No espírito dela, isto era um elogio, claro, mas lembro-me de ter tomado as suas palavras como uma provocação e de ter respondido, com alguma brusquidão: «Não me parece que seja assim tão excepcional. Há muitas "mulheres árabes livres" como eu. Se, como diz, desconhece a nossa existência, o problema é seu, não nosso.»

Mais tarde, arrependi-me da minha reacção defensiva. Mas a pergunta da jornalista continuava a assombrar-me. Porque a tinha ela colocado, e porque é que eu tinha ficado tão irritada? Os meus esforços de compreensão transformaram-se rapidamente num texto curto, que pouco a pouco foi crescendo para se tornar num ensaio que, associado a outros textos que eu tinha escrito sobre o tema em ocasiões diversas, designadamente para conferências, e misturado com notas autobiográficas tomadas ao correr dos anos, reveladoras quanto a este assunto, acabou por produzir um livro. Este livro.

Tratava-se de uma ideia boa ou má? Seria este livro necessário ou despropositado? Demasiado genérico? Demasiado pessoal? Demasiado disperso? Demasiado centrado em mim? É um pouco tarde para que me coloque estas questões, e outras da mesma ordem. Tudo o que sei é que a escrita deste livro me pareceu imperativa, ou até incontornável. Como uma história de amor, de alguma forma. Pelo menos aos meus olhos isso basta para lhe justificar a existência.

Seja como for, tendo tomado a decisão de o publicar, desejo que o livro encontre justificações suplementares, dia a dia, através da nova vida que vocês, os seus leitores, lhe concederem.

Querida Jenny, peço-te que aceites as minhas desculpas tardias pelo modo áspero com que te falei. Espero que possas considerar este modesto testemunho

como um esforço para te dizer, de uma forma não muito desajeitada: «Perdoa-me.»

E, ainda mais importante; «Obrigada.»

PREFÁCIO

O Assassinato de Xerazade
Etel Adnan

Segundo as últimas notícias, Xerazade foi morta, assassinada! Acto de paixão ou de razão? Provavelmente das duas. Joumana Haddad acabou de matar a heroína de *As Mil e Uma Noites*. E nunca houve um crime tão feliz – e moral.

O texto deste homicídio é um vento de tempestade que limpa o céu. Não o céu carregado de monoteísmos, mas o céu que é o corpo de uma mulher, esse corpo pessoal que só pertence a si mesmo.

Era preciso matar um mito histórico para libertar o corpo, e portanto também o espírito, e era preciso escrever essa experiência para melhor a afirmar.

Assim, antes de ouvirmos o barulho, temos de ouvir o silêncio. Antes das palavras sonoras há a primeira palavra, a existência do corpo, e Joumana propõe-nos, não que nos percamos na sua glorificação, mas que o escutemos.

Gosto desta narrativa-análise que soa como *jazz* ou música *rap*. E no entanto trata-se de um requisitório feito com uma lógica inatacável, pontuado pela raiva mas, mais do que pela raiva, pela busca extática – mística – de uma libertação absoluta, que só será possível através da libertação desse «objecto-sujeito» que é o corpo no qual cada vida começa e acaba.

Mas o corpo está, desde o nascimento, atolado num contexto social e é assim que os constrangimentos começam, conduzindo-nos mesmo até à escravatura.

Joumana rejeita as meias medidas. Vinda de um país onde se matou muito (e para nada), emprega uma violência intensa, mas de uma natureza diferente. Lança as garras contra todos os tabus e o seu «crime» torna-se um nascimento, um acto de vida.

Ela fala da mulher árabe, daquilo que lhe é familiar, mas o que diz reporta-se a todas as mulheres ao longo da História, especialmente às da região do Mediterrâneo, às quais é dito, com autoridade sagrada, que são um subproduto da Criação, dado que Deus criou Adão e Eva limitou-se a sair da sua costela. Mas Joumana traz a boa nova de que a mulher sai apenas de si mesma, e que deve fazer-se a ela própria – tal como o homem. Deve tornar-se a nova Xerazade, escrevendo as suas histórias para participar na criação do mundo através da literatura.

Joumana traz-nos as questões cruciais da identidade e das raízes que se prendem, não com o eu social,

mais narcísico do que pensamos, mas com essa liberdade que descobriu na infância, e que é o lugar mutante da perpétua partida.

Tudo isto é posto em questão com uma alegria selvagem e com um excedente de inteligência que nos transportam, num texto que, no fim, se transforma num poema bárbaro.

É preciso génio para atingir uma liberdade tão radical.

Para começar...

Sobre camelos, dança do ventre, esquizofrenia e outros pseudodesastres

Caro Ocidental,

Permita-me avisá-lo desde o início: não sou conhecida por facilitar a vida a ninguém. Portanto, se vem aqui em busca de verdades que supõe já saber e de provas que acredita já ter; se alimenta a esperança de ser reconfortado nas suas visões orientalistas, ou de ver reconfirmados os seus preconceitos antiárabes; se espera ouvir a cantilena interminável do choque de civilizações, é melhor parar já. Porque, neste livro, vou fazer tudo o que puder para o «desapontar». Vou tentar desiludi-lo, desencantá-lo e privá-lo das suas quimeras e opiniões já prontas. Como? Bom, dizendo-lhe simplesmente o seguinte:

embora eu seja a chamada «mulher árabe», eu, e muitas outras como eu, vestimos o que gostamos de

vestir, vamos onde queremos ir e dizemos o que nos apetece dizer;

embora eu seja a chamada «mulher árabe», eu, e muitas outras como eu, não andamos tapadas, nem subjugadas, nem analfabetas, nem oprimidas, nem somos absolutamente nada submissas;

embora eu seja a chamada «mulher árabe», nenhum homem me proíbe, nem a mim nem a muitas outras como eu, de conduzir um carro, nem uma mota, nem uma camioneta (nem sequer um avião!);

embora eu seja a chamada «mulher árabe», eu, e muitas outras como eu, alcançámos níveis de educação elevados, temos vidas profissionais muito activas, e um rendimento mais alto do que muitos dos homens árabes (e ocidentais) que conhecemos;

embora eu seja a chamada «mulher árabe», eu, e muitas outras como eu, não moramos numa tenda, não andamos de camelo e não praticamos a dança do ventre (não fique ofendido se pertencer ao «campo esclarecido»: ainda há quem tenha essa imagem de nós, apesar do mundo abertamente globalizado do século XXI);

e, finalmente, embora eu seja a chamada «mulher árabe», eu, e muitas outras como eu, somos muito parecidas… CONSIGO!

Sim, parecemo-nos muito consigo, e as nossas vidas não são assim tão diferentes da sua. Além disso, se se olhar demoradamente ao espelho, estou certa

de que verá os nossos olhos brilhando no seu rosto.

Parecemo-nos muito consigo e, apesar disso, somos diferentes. Não porque você é do Ocidente e nós do Oriente. Não porque você é ocidental e nós orientais. Não porque você escreve da esquerda para a direita e nós da direita para a esquerda. Somos diferentes porque todos os seres humanos à face da Terra são diferentes entre si. Somos diferentes, tanto quanto você é diferente do seu vizinho. E é isso que torna a vida interessante. De outra forma, todos nós morreríamos de tédio.

Pelo menos, eu morreria.

Portanto, não se deixe atrair por mim, nem por este livro, pelos motivos errados: não sou interessante por ser «árabe». Não sou interessante por ser uma «mulher árabe». E certamente não sou interessante por ser uma «escritora árabe» (que classificação desastrosa, principalmente para uma fóbica de rótulos como eu). A única razão para que me leia, a única razão para que eu seja interessante para si, a única razão para que qualquer ser humano se mostre interessante é por ser ele mesmo, e não apenas a etiqueta atraente e intrigante que supostamente representa.

Por conseguinte, em vez de se render imediatamente a uma determinada imagem que foi criada por outra pessoa em seu nome, tente perguntar a si mesmo: «Afinal de contas, o que é uma "mulher árabe"?»

Este livro é uma modesta tentativa de reflectir sobre esse tema. Não pretende dar respostas às questões apresentadas, nem soluções aos problemas expostos, nem lições ou fórmulas para cumprir. A sua aspiração essencial é a de oferecer um testemunho e uma meditação sobre o que significa e sobre o que pode significar ser uma mulher árabe hoje. A sua segunda aspiração é realizar a primeira, sem a secura monótona do discurso retórico, sem o egocentrismo estreito de uma autobiografia sistematizada e sem as alegorias escapistas de um romance.

No entanto, caro Ocidental, não se deixe enganar pelo facto de ser o destinatário óbvio deste livro: ele não foi escrito só para si mas antes, e, às vezes, principalmente, para os meus concidadãos árabes. Trata-se, por conseguinte, em larga medida, de um esforço de autocrítica. E, embora tente revelar os aspectos onde se encontra hoje a esperança das mulheres árabes, exporá também os seus pontos fracos, os desafios com que são confrontadas e os problemas que estão a encarar/provocar/ignorar. De vez em quando, este movimento de marés altas e baixas que oscila entre a descrição e a condenação da nossa dura realidade e a tentativa de provar que há uma luz lá fora, poderá produzir um efeito de contradição; pois como pode alguém defender uma visão e, ao mesmo tempo, denegrir os seus alicerces? Mas isso não passa de uma ilusão de óptica, resultado directo da integridade crítica. Nenhum esforço de autodefesa merece ser levado a sé-

rio se não se fizer acompanhar, e fundamentar, por um esforço de autocrítica. Se exponho implacavelmente os nossos defeitos, é para melhor lhes destacar a excepção inegável.

E vice-versa.

«As histórias só acontecem aos que são capazes de as contar» (Paul Auster). Mas, para conseguir contar algumas das minhas histórias, e ponderar sobre o que realmente significa hoje ser uma mulher árabe, tenho primeiro de fazer uma síntese de algumas das coisas que significam ser árabe.

Ser árabe hoje é, em primeiríssimo lugar – porém, sem generalizar –, dominar a «arte da esquizofrenia».

Porquê? Porque ser árabe hoje em dia significa ter de se ser hipócrita. Significa que não se pode viver nem pensar o que realmente se quer viver e pensar de uma forma honesta, espontânea e inocente. Significa estar-se dividido, proibido de dizer a verdade nua e crua (e a verdade é crua; é esse o seu papel, e é aí que reside a sua força), porque a maioria árabe depende de uma teia de mentiras e ilusões reconfortantes. Significa que a sua vida e as suas histórias têm de ser reprimidas, abafadas e codificadas; reescritas para agradar aos guardiões vestais da castidade árabe, de modo a que estes possam ficar tranquilos em relação ao facto de o delicado «hímen»

árabe estar protegido do pecado, da vergonha, da desonra ou da mancha.

Os obscurantistas estão a multiplicar-se na nossa cultura árabe como cogumelos e deparamo-nos com a sua sombra em toda a parte, em todos os domínios. Têm uma inteligência parasitária, como também o são os seus corações, as suas almas e os seus corpos. Só conseguem sobreviver como as carraças. A sua função é distorcer e esmagar tudo o que é livre, criativo ou belo e escapou à hipocrisia e à superficialidade. Onde quer que a liberdade, a criatividade e a beleza brilhem, eles soltam ondas e ondas de hostilidade e ressentimento; lançam campanhas de distorção e inverdade para destruir o que fugiu ao controlo da mediocridade.

Repito: os obscurantistas estão a multiplicar-se na nossa cultura como cogumelos, e estão a gerar montanhas de ameaças, agressões, demagogia, charlatanismo e duplos padrões. Esses «soldados da castidade» defendem a ética, embora a única coisa que a ética possa fazer seja lavar as mãos depois de qualquer contacto com eles. Fazem de conta que protegem valores, embora os valores verdadeiramente humanos não tenham nada que ver com eles. Alegam proteger, com as suas mentes doentes e distorcidas, aquilo a que se atrevem a chamar honra, fé, dignidade e moral, proclamando a necessidade de «salvar a nossa religião, os nossos costumes, as nossas tradições e os nossos jovens», enquanto omitem o que se passa nos ecrãs de televisão, na internet, atrás das portas fechadas e até em locais de culto.

Só vêem a ponta do icebergue da honra e da moralidade e só alcançam o superficial.

Estes «ladrões» roubaram-nos a vida pessoal; roubaram-nos as liberdades individuais e as liberdades civis (o direito a viver em liberdade, o direito a escolher livremente, o direito à expressão livre). Raptaram a nossa cultura, profanaram-na e assassinaram-na: fizeram o mesmo com o nosso futuro, a nossa civilização, a nossa herança árabe iluminista. E a lista dos seus vandalismos não acaba aqui.

Repito. Estes obscurantistas retrógrados são ladrões. São profanadores. São assassinos. E, acima de tudo, são estúpidos. E talvez seja esse o golpe mais cruel contra a nossa identidade árabe contemporânea.

Em segundo lugar, ser árabe hoje significa ser parte de um rebanho; significa renunciarmos por completo à nossa individualidade e seguirmos cegamente um líder, uma causa ou um *slogan*. «As nações são construídas pelas massas», diz o provérbio árabe. Talvez tenha sido isso o que reforçou o meu cepticismo em relação a grupos, ideologias e lutas colectivas – até mesmo aquelas que defendem causas nobres – e o meu apego à minha própria individualidade; uma individualidade «humanista» que respeita, reconhece e leva em conta a existência e as necessidades do outro, mas

que se posiciona firmemente contra quaisquer tendências homogeneizantes.

Claro, o espírito do rebanho não é estrita e exclusivamente um problema árabe, em particular nesta era populista. Infelizmente, vimos muitas nações, até nos chamados países desenvolvidos, caírem na armadilha de «seguir o chefe, mesmo que ele seja um idiota»: de que outra forma poderemos explicar o George W. Bush dos Estados Unidos, para citar apenas um exemplo entre muitos outros? Porém, no mundo árabe (pelo menos no mundo árabe contemporâneo, para sermos justos em relação à nossa grandiosa herança), esta doença não é só «um episódio sombrio da história», mas uma condição permanente. Porque este mundo está cego para o facto de que todos os grupos são a soma dos seus membros pelo que, se esses grupos não forem construídos a partir da pessoa tal como ela é, em pensamento, acção, sentimentos, corpo, espírito e humor, desmoronar-se-ão, transformando-se em rebanhos conduzidos pelo instinto e pelo poder, inconscientes da sua própria vontade, seguindo a lógica da «predominância do grupo sobre o indivíduo».

Sei exactamente o que significam frases como «a predominância do grupo sobre o indivíduo», nas nossas sombrias realidades políticas, sociais e culturais árabes. Sob esse pretexto, as massas são organizadas e controladas, pastoreadas em multidões diversas que erradicam por completo qualquer aspecto pessoal: opinião, escolha, sentimento, temperamento, compreensão, expressão, ambição ou simples-

mente vida. O indivíduo dilui-se em facções baseadas em tendências sociais, religiosas e políticas genéricas, é domesticado e privado da sua singularidade pelas autoridades. Na prática, isso conduz à dissolução de todo e qualquer talento individual sob a onda da entidade colectiva esmagadora e homogeneizante. Os indivíduos derretem-se na fornalha, vêem os seus egos obliterados, proibidos de desempenhar qualquer papel criativo, o que contribui para promover os *clichés* atuais sobre os árabes e a sua imagem estereotipada. Quanto mais nos organizamos para fazermos ouvir a nossa voz, mais o nosso discurso é mal-entendido. Será possível ultrapassar a perversidade deste círculo vicioso?

Mas que sentido pode ter a vida, e que dignidade pode ter qualquer grupo, seja qual for o seu combate, quando o «eu» é esmagado pelas patas do rebanho? Não me entenda mal: não estou a defender a velha guarda do individualismo. Não adopto a abordagem «darwinista», baseada na ideologia do *homo homini lupus,* que produziu basicamente uma sociedade egoísta, injusta e destrutiva, na qual não há lugar para os fracos nem para os pobres, nem consciência comunitária ou ambiental. Esse modelo é tão inepto e pernicioso quanto o modelo socialista fracassado que, em nome de belas ideias igualitárias, esmagou os indivíduos, as suas liberdades, os seus sonhos e as suas vidas.

O meu objectivo é o equilíbrio intermédio; um equilíbrio para o qual tanta gente trabalha e luta, um equilíbrio que deveria ser o produto eficiente e nobre de uma competição eficiente e nobre entre capitalismo e comunismo. Um equilíbrio

muito parecido com o que alguns países da Europa do Norte conseguiram encontrar, pelo menos em grande medida.

«Liberté, Egalité, Fraternité»[1]: mais de duzentos e vinte anos depois, ainda não chegámos lá…

Mas ainda parece a melhor opção, não concorda?

Em terceiro lugar, ser árabe hoje significa, e este é o meu último ponto, enfrentar uma interminável série de impasses: o impasse do totalitarismo; o impasse da corrupção política; o impasse do favoritismo; o impasse do desemprego; o impasse da pobreza; o impasse da discriminação de classe; o impasse do sexismo; o impasse do analfabetismo; o impasse do extremismo religioso; o impasse da misoginia, da poligamia e da homofobia; o impasse da fraude financeira; o impasse do desespero, do vazio e da ausência de sentido; o impasse do conflito do Médio Oriente; o impasse da tragédia palestiniana; o impasse da parcialidade do Ocidente; o impasse ocidental da hostilidade, do medo, da arrogância, da desconfiança, do sentimento de superioridade… etc.

Ser árabe e viver no mundo árabe hoje é como bater com a cabeça numa parede grossa feita de duras dificuldades políticas, sociais e existenciais. Por mais que

[1] Em francês no original inglês: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. (*N. da T.*)